

## ***PHILOSOPHICA: GRANDES FILÓSOFOS***

***Filipa Afonso<sup>1</sup>***

(Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

No texto de apresentação que, em 1993, inaugurava as hoje milhares de páginas dos cinquenta números da revista *Philosophica*, Joaquim Cerqueira Gonçalves, o seu fundador, escrevia que a publicação não era “uma estratégia de momento, a perder sentido e actualidade depois duma circunstancial missão cumprida”<sup>2</sup>. Referia-se o autor ao acto de resistência que uma publicação como a *Philosophica* representava num momento em que as ciências humanas se viam diminuídas dentro dos quadros orçamentais gizados pelos organismos políticos da altura. Sem negar a voz que *Philosophica* ergueria face ao contexto específico da sua emergência, Joaquim Cerqueira Gonçalves quis alargar o horizonte de *Philosophica* para lá da sua actualidade momentânea, não confinando a sua missão a uma simples resposta às circunstâncias do seu aqui e agora, mas abrindo-a à tarefa perene do filosofar atenta a cada tempo e a todos os tempos. Neste sentido, a missão de *Philosophica* parece cruzar-se com a própria missão da filosofia, que não se pauta por modas transitórias, mas que, sem prescindir da responsabilidade de pensar os problemas do seu tempo, perdura muito além dos contextos da sua produção, ao debruçar-se sobre problemas radicais de todos os tempos, e convocando reinterpretações e

---

<sup>1</sup> fafonso@campus.ul.pt

<sup>2</sup> Joaquim Cerqueira-Gonçalves, “Apresentação”, *Philosophica* 1 (1993), 3.

requestionamentos com que a filosofia se vai construindo. A filosofia tem, pois, com a sua história, uma relação íntima e inseparável, de tal modo que o seu futuro continuamente se alimenta de um olhar sobre o passado, porque o valor da filosofia não cabe na sua simples actualidade, mas na sua perenidade passível de continuamente se actualizar em novos tempos e contextos. Neste sentido, pois, filosofar é também dialogar com as melhores produções filosóficas do passado e a *Philosophica* parece bem ter acolhido esta visão da filosofia. Expressão disso são os sete volumes especiais dedicados a sete grandes autores da história da filosofia: Aristóteles (nº. 26), Anselmo (nº. 34), Leibniz (nº. 37), Baumgarten (nº. 44), Kant (nº. 24), Stirner (nº. 41), Kierkegaard (nº. 35) e Simmel (nº. 42). Neles, um corpo de mais de setenta artigos redigidos por outros tantos investigadores e docentes de filosofia, não apenas registam memória dessas filosofias que a História nos legou, como reavivam o debate filosófico contemporâneo em abertura ao diálogo com a sua História. É por isso que hoje, volvidos 25 anos desde a publicação do primeiro número de *Philosophica*, queremos relembrar o trabalho da revista de comemoração e revivificação da história da filosofia, por via dos sete números monográficos dedicados a filósofos que indubitavelmente marcaram o seu rumo e que ainda hoje oferecem questões pertinentes, soluções sagazes e desafiantes para o leitor moderno.

Foi com a figura magna da filosofia grega, Aristóteles (384–322 A.C.), que *Philosophica*, no seu número 26, inaugurou o conjunto dos seus volumes dedicados aos grandes filósofos. Respeitando a diversidade temática da obra do autor, os artigos aí publicados cobrem questões diversas de lógica e dialéctica, física, teologia, ética e política. Além disso, reconhecendo a influência de Aristóteles nas filosofias vindouras, o volume integra ainda um conjunto de textos que observam a presença aristotélica no pensamento de Plotino, Averróis e dos Conimbricenses. O volume inicia-se justamente com um artigo de António Pedro Mesquita que sistematiza e problematiza os diferentes modos de predicação segundo Aristóteles, discutindo, por fim, a famosa tese segundo a qual a substância de nada pode ser predicável<sup>3</sup>. Sobre o conceito de dialéctica, a *Philosophica* trouxe à luz o texto de Gonçalo Portocarrero de Almada onde as diversas acepções aristotélicas do conceito (nomeadamente e sobretudo como praxis da contradição) são exploradas a partir de um enquadramento das suas acepções pré-aristotélicas<sup>4</sup>. Já no domínio da física, ou da ciência dos entes que se

<sup>3</sup> António Pedro Mesquita, “Tipos de Predicação em Aristóteles: Um Ensaio de Sistematização”, *Philosophica* 26 (2005), 7-34.

<sup>4</sup> Gonçalo Portocarrero de Almada, “As *Dialécticas* de Aristóteles”, *Philosophica* 26 (2005), 35-62.

movem, Fernando Belo aborda o problema do movimento para então situar a física no contexto das obras de Aristóteles e, mais especificamente, pensá-la na sua dupla relação com a metafísica (enquanto ciência do ente enquanto ente) e com as ciências naturais<sup>5</sup>. O princípio do movimento, o motor imóvel, constitui o objecto próprio de reflexão do artigo de Pedro Braga Falcão. O que o autor indaga, porém, é a pertinência da identificação, consagrada pela tradição de leitores de Aristóteles, entre o motor imóvel e “o deus”<sup>6</sup>. Numa incursão sobre ética a partir do livro I de *Ética a Nicómaco*, Nuno Castanheira centra-se no conceito de *eudaimonia*, não apenas para salientar os seus significados, como para revelar o seu papel determinante no interior do projecto ético aristotélico<sup>7</sup>. Defendendo, em contexto aristotélico, a estrita continuidade entre ética e política, Maria José Figueiredo procura mostrar como o contexto social no qual o homem naturalmente habita, determina a emergência das questões éticas e a concretização da vida ética como formação de carácter<sup>8</sup>. Os quatro estudos que finalmente tratam de sondar a recepção de Aristóteles na filosofia posterior focam não apenas as afinidades e o acolhimento das suas teses, bem como as oposições que contra ele se ergueram. Encontramos, assim, no artigo de José M. Zamora a inspecção do diálogo crítico que Plotino, em *Enéadas* II, 1, estabelece com a obra aristotélica *De caelo*<sup>9</sup>. É também sobre a filosofia plotiniana, que ora extrai ora rejeita teses da filosofia de Aristóteles, que recai o estudo de Paulo Borges, tratando embora da questão do desejo e da experiência do Uno<sup>10</sup>. Já Catarina Belo procura evidenciar o esforço averroísta de conciliação da teologia islâmica com a filosofia aristotélica, manifesto na assunção da teoria do motor imóvel, em detrimento da teoria da emanção divina, valorizando, com Aristóteles e contra Avicena, a

<sup>5</sup> Fernando Belo, “O Lugar da *Física* na Obra de Aristóteles: Filosofia-com-Ciências”, *Philosophica* 26 (2005), 63-79.

<sup>6</sup> Pedro Braga Falcão, “*Movens Immobile* e “o Deus” no Livro Λ da *Metafísica* de Aristóteles”, *Philosophica* 26 (2005), 81-97.

<sup>7</sup> Nuno Castanheira, “A *Eudaimonia* no Livro I da *Ética a Nicómaco*”, *Philosophica* 26 (2005), 99-127.

<sup>8</sup> Maria José Figueiredo, “Bases da Filosofia Política de Aristóteles”, *Philosophica* 26 (2005), 129-151.

<sup>9</sup> José M. Zamora, “El Problema del ‘Quinto Cuerpo’: Plotino Crítico de Aristóteles (*De Caelo* I, 2-3)”, *Philosophica* 26 (2005), 153-173.

<sup>10</sup> Paulo Borges, “O Desejo e a Experiência do Uno em Plotino”, *Philosophica* 26 (2005), 175-214.

causa final acima da causa eficiente<sup>11</sup>. No artigo de Serhii Wakúlenko, o autor lança a sua investigação sobre as fontes dos *Commentarii Collegii Conimbricensis* à obra de Aristóteles, um feito único português de sistematização de todas as ciências, sob a égide do filósofo grego<sup>12</sup>.

Do rol de autores que mereceram o destaque da *Philosophica*, no contexto das suas edições monográficas, Anselmo de Cantuária (1033–1109) afirmou-se como justo representante da filosofia medieval. O filósofo, que cultivou o exercício da razão até aos seus limites para a reflexão de algumas das questões mais fundantes e problemáticas da filosofia e da teologia, foi comemorado num volume que reuniu mais de uma vintena de colaboradores, por ocasião dos 900 anos da sua morte. Os estudos aí publicados tratam de dar testemunho das questões teológicas, metafísicas, epistemológicas, morais e políticas com que o autor se debateu, ao mesmo tempo que procuram situar a filosofia anselmiana no espectro geral da história da filosofia, tecendo comparações que denunciam ascendências e descendências do pensamento do filósofo medieval. A própria razão converte-se no tema específico dos quatro artigos que encetam o número 34 de *Philosophica*. Maria Cândida Pacheco recupera, a partir de *Proslogion*, uma concepção audaz da razão – que se aventura inclusivamente na inquirição da existência de Deus – mas não arrogante da razão, porque ciente do seu esgotamento no acesso ao Absoluto que a transvasa<sup>13</sup>. Na distinção entre intelecção e cogitação descobre, por seu turno, José Meirinhos a chave da famosa crítica de Gaunilo ao argumento anselmiano a favor da existência de Deus, e o mote da resposta de Anselmo ao seu objector<sup>14</sup>. A concepção de *cogitatio* de Gaunilo volta a ser retomada nas páginas finais do artigo de Paulo Martines. O que o autor procura, no entanto, escarpelizar é a relação entre a fé e a razão que permeia a prova da existência de Deus anselmiana, enquanto expressão de uma procura da inteligência ou racionalidade dos conteúdos da fé<sup>15</sup>. Já o artigo de José Costa Macedo recua até *Monologion*, para aí desvendar a aplicação do princípio anselmiano “*sola ratione*” (pela

<sup>11</sup> Catarina Belo, “O Aristotelismo de Averróis e o Problema da Emanação”, *Philosophica* 26 (2005), 215-228.

<sup>12</sup> Serhii Wakúlenko, “As Fontes dos *Commentarii Collegii Conimbricensis*”, *Philosophica* 26 (2005), 229-262.

<sup>13</sup> Maria Cândida Pacheco, “Razão e Mística. Algumas Considerações a partir de *Proslogion* de Santo Anselmo”, *Philosophica* 34 (2009), 11-22.

<sup>14</sup> José Meirinhos, “*Intellectio* e *Cogitatio* no Debate entre Gaunilo e Anselmo sobre o Argumento Único”, *Philosophica* 34 (2009), 23-35.

<sup>15</sup> Paulo Martines, “A Racionalidade da Fé no *Proslogion* de Santo Anselmo”, *Philosophica* 34 (2009), 37-56.

razão apenas) na abordagem da doutrina trinitária cristã<sup>16</sup>. Segue-se então um conjunto de três artigos consagrados às ressonâncias da filosofia agostiniana no pensamento de Anselmo. Maria Manuela Brito Martins, num artigo sobre a existência de Deus, procura evidenciar os traços agostinianos, e mais especificamente a linguagem e raciocínio do livro II de *De libero arbitrio*, que transparecem na própria argumentação de *Proslogion*<sup>17</sup>. O conceito agostiniano de *numerus* (*De musica*) e o conceito anselmiano de *rectitudo* (*De veritate*) convidam Ana Rita Ferreira a uma reflexão que procura enlear ambos os conceitos no reconhecimento do papel dos sentidos no conhecimento do Divino<sup>18</sup>. O conceito de *rectitudo*, por sua vez, que constitui a definição anselmiana de verdade, constitui o ponto de partida do artigo de Paula Oliveira e Silva, que vai examinando as afinidades entre as concepções de verdade de Agostinho e Anselmo<sup>19</sup>. A questão do verbo constitui o ponto de ligação de três artigos da autoria de Vera Rodrigues, Filipa Afonso e José Filipe Silva que tratam de discutir a filosofia anselmiana em diálogo ou confronto com outros autores medievais. É o caso do estudo apresentado por Vera Rodrigues que analisa a crítica anselmiana à tese de Roscelino, segundo a qual os universais mais não seriam mais do que simples palavras<sup>20</sup>. Filipa Afonso, num artigo que assinala a recepção bonaventuriana do pensamento de Anselmo, investiga a concepção do Verbo divino como expressão do auto-conhecimento de Deus e exemplar de toda a criação<sup>21</sup>. O modo como as formulações agostiniana e anselmiana do *verbum mentis* foram repensadas por Roberto Kilwardby é tratado no artigo de José Filipe Silva que avalia, à luz de Kilwardby, os dois modelos do pensar (como fala e como visão)<sup>22</sup>. Num esforço de enquadramento do pensamento anselmiano no panorama da filosofia medieval, o volume comemorativo de Anselmo integra ainda um capítulo de quatro artigos

<sup>16</sup> José Costa Macedo, “Afloramento racional do Monoteísmo Trinitário”, *Philosophica* 34 (2009), 57-71.

<sup>17</sup> Maria Manuela Brito Martins, “A Prova da Existência de Deus em Santo Anselmo (*De Libero Arbitrio*) e em Santo Anselmo (*Proslogion*)”, *Philosophica* 34 (2009), 75-91.

<sup>18</sup> Ana Rita Ferreira, “Dos Sentidos à Verdade Suprema. Uma Leitura Comparada entre Agostinho e Anselmo”, *Philosophica* 34 (2009), 93-101.

<sup>19</sup> Paula Oliveira e Silva, “Reminiscências do *De Libero Arbitrio* de Santo Agostinho no *De Veritate* de Santo Anselmo”, *Philosophica* 34 (2009), 103-121.

<sup>20</sup> Vera Rodrigues, “Anselmo, Crítico de Roscelino”, *Philosophica* 34 (2009), 125-143.

<sup>21</sup> Filipa Afonso, “Para uma Estética da Criação. Deduções Bonaventurianas da Teoria do verbo em Anselmo”, *Philosophica* 34 (2009), 145-156.

<sup>22</sup> José Filipe Silva, “Agostinho, Anselmo e Kilwardby sobre a Linguagem Mental”, *Philosophica* 34 (2009), 157-179.

que, embora não foquem directamente a filosofia de Anselmo, lidam com questões de metafísica e epistemologia que, no seu tempo, preocuparam o filósofo de Cantuária. Assim sendo, Daniela Silveira apresenta-nos um estudo sobre a forma e o modo como esta determina a estrutura metafísica de Deus e das suas criaturas<sup>23</sup>. Num texto que recapitula o famoso confronto filosófico entre Abelardo e Bernardo de Claraval, Cléber Dias, por sua vez, procura fundá-lo numa divergência basilar entre dois modos de conhecer Deus: cosmológico e antropológico<sup>24</sup>. Maria da Conceição Camps traça, no seu artigo, uma breve história das teorias da visão no Ocidente até ao século XII, que se inaugura com a tradução e comentário do *Timeu* de Platão por Calcídio e que se impulsiona pelas traduções de Abelardo de Bath de tratados Árabes<sup>25</sup>. Lídia Queiroz debruça-se sobre a filosofia do autor do século XIV, Tomás Bradwardine, dando-nos o testemunho de uma defesa do atomismo matemático, por via da reinterpretação da noção de *continuum*<sup>26</sup>. Considerando que a prova racional da existência de Deus de *Proslogion* constitui um dos grandes legados da filosofia de Anselmo de Cantuária à posteridade, a comemoração do seu pensamento não poderia justamente esquecer o modo como a argumentação anselmiana se deixou apropriar por provas teístas subsequentes. Sobre as provas da existência de Deus por Guilherme de Auxerre versa o artigo de Bernardino Marques<sup>27</sup>. Da dedução da existência necessária a partir da existência possível, que demarca a terceira via tomista, Inês Bolinhas sonda as ressonâncias do argumento anselmiano de *Proslogion*, ao mesmo tempo que denuncia as divergências entre as duas provas<sup>28</sup>. Mário Santiago de Carvalho põe em debate o argumento metafísico do leitor e crítico de Anselmo, Henrique de Gand, salientando a relação entre as peças filosóficas dos dois autores

---

<sup>23</sup> Daniela Silveira, “A Estrutura Metafísica do Ser Incriado e dos Seres Criados no *De Trinitate* de Severino Boécio”, *Philosophica* 34 (2009), 183-195.

<sup>24</sup> Cléber Dias, “Pedro Abelardo e São Bernardo de Claraval: Duas Formas Conflitantes (?) de Conhecer o Mesmo Deus”, *Philosophica* 34 (2009), 197-229.

<sup>25</sup> Maria da Conceição Camps, “As Teorias da Visão no Ocidente Medieval até ao Século XII. O Comentário de Calcídio ao *Timeu* de Platão e a Obra de Adelardo de Bath”, *Philosophica* 34 (2009), 231-243.

<sup>26</sup> Lídia Queiroz, “A Continuidade de uma Grandeza e o Contacto entre Pontos Geométricos no Tratado *Acerca do Contínuo*”, *Philosophica* 34 (2009), 245-258.

<sup>27</sup> Bernardino Marques, “Presença Anselmiana na *Summa Aurea* de Guilherme de Auxerre”, *Philosophica* 34 (2009), 261-276.

<sup>28</sup> Maria Inês Bolinhas, “Dos Possíveis ao Necessário – Os Percursos de Anselmo de Aosta e de Tomás de Aquino”, *Philosophica* 34 (2009), 277-292.

medievais<sup>29</sup>. Maria Leonor Xavier revisita o pensamento de Guilherme de Ockham a partir da sua recepção do argumento anselmiano por via da sua formulação por Duns Escoto<sup>30</sup>. O artigo de Maria Helena Reis Pereira dá conta do acolhimento da prova de *Proslogion* na própria contemporaneidade, nomeadamente nas suas versões analíticas de Norman Malcolm e Alvin Plantinga<sup>31</sup>. Às questões de ética e política desenvolvidas por Anselmo e pela sua posteridade são dedicados os artigos de José Rosa, António Rocha Martins, Gonçalo Figueiredo e Pedro Calafate. José Rosa aprofunda, a partir de *De libertate arbitrii*, a definição ímpar de liberdade anselmiana enquanto poder de conservar a rectitude da vontade<sup>32</sup>. No artigo de António Rocha Martins, é a teoria de Anselmo de Cantuária acerca do poder civil que se dá a reflectir<sup>33</sup>. A partir da filosofia de Duns Escoto, Gonçalo Figueiredo tematiza o esquema de equilíbrios e primazias entre a vontade e a razão na perseguição da felicidade humana<sup>34</sup>. Pedro Calafate retoma a questão do poder civil, enquadrando-a na visão de Dante e no âmbito das disputas medievais acerca da relação entre os poderes temporal e espiritual<sup>35</sup>. Petrarca e Mestre Eckhart são por fim lembrados, neste volume, por Leonel Ribeiro dos Santos<sup>36</sup> e Paulo Borges<sup>37</sup>, respectivamente, mostrando como humanismo (em Petrarca) e mística (em Eckhart), amplamente cultivados na Idade Média, alcançam plena vivacidade no limiar da modernidade.

<sup>29</sup> Mário Santiago de Carvalho, “O Argumento Antropológico. Henrique de Gand e Santo Anselmo”, *Philosophica* 34 (2009), 293-308.

<sup>30</sup> Maria Leonor Xavier, “Guilherme de Ockham e o Argumento Anselmiano via Escoto”, *Philosophica* 34 (2009), 309-332.

<sup>31</sup> Maria Helena Reis Pereira, “Norman Malcolm e Alvin Plantinga – Duas Versões Analíticas do Argumento do *Proslogion* de Santo Anselmo”, *Philosophica* 34 (2009), 333-355.

<sup>32</sup> José Rosa, “*Rectitudo* e *Libertas* em *De Libertate Arbitrii* de Santo Anselmo”, *Philosophica* 34 (2009), 359-370.

<sup>33</sup> António Rocha Martins, “A Posição de Anselmo face ao uso do Poder Civil”, *Philosophica* 34 (2009), 371-386.

<sup>34</sup> Gonçalo Figueiredo, “A Razoabilidade da Vontade em Duns Escoto”, *Philosophica* 34 (2009), 387-403.

<sup>35</sup> Pedro Calafate, “O Laicismo Político na *Monarquia* de Dante”, *Philosophica* 34 (2009), 405-412.

<sup>36</sup> Leonel Ribeiro dos Santos, “Petrarca, Filósofo da Condição Humana”, *Philosophica* 34 (2009), 415-437.

<sup>37</sup> Paulo Borges, “Transcender Deus: De Eckhart a Silesius”, *Philosophica* 34 (2009), 439-457.



Tendo ficado conhecido como o último “génio universal”, Gottfried Wilhelm Leibniz (1646–1716) foi, também ele, homenageado pela revista *Philosophica*, num número que reuniu contributos de sete especialistas. Neste contexto, o artigo de Adelino Cardoso centra-se na noção de comunicação, como alicerce da metafísica leibniziana, que está permitindo superar uma visão solipsista da mónada e integrar assim o indivíduo na relação com o outro<sup>38</sup>. Andréa Faggion, numa abordagem da teologia de Leibniz, e indagando a causa das mudanças de estados das substâncias criadas, esclarece a teoria da concorrência divina, como alternativa ao conservacionismo (segundo o qual Deus apenas criaria as substâncias) e o ocasionalismo (segundo o qual toda a actividade criadora seria exclusiva do Divino)<sup>39</sup>. Confrontando o pensamento de Leibniz com o de Ralph Cudworth, nas suas afinidades e divergências, Maria Luísa Ribeiro Ferreira sublinha, na filosofia leibniziana, os elementos da tendência hermetista que demarcaram a modernidade seiscentista<sup>40</sup>. No texto de Paulo Jesus, por seu turno, encontramos uma reflexão sobre o Eu leibniziano numa relação com todos os tempos – passado, presente e futuro –, que o torna expressão de eternidade<sup>41</sup>. Sergio Roderó toma em mãos o conceito de “vínculo substancial” leibniziano para pensar os compostos para lá da mera agregação de substâncias simples, fazendo, pois, desse mesmo vínculo o traço definatório das substâncias colectivas<sup>42</sup>. O artigo de Teresa Tato Lima lida com a questão da possibilidade de o espírito humano, dotado de conhecimento, mas finito, poder perceber o mundo como “o melhor dos mundos possíveis”<sup>43</sup>. O texto de Ubirajara R. de Azevedo Marques, que encerra a homenagem ao filósofo moderno, desafia a leitura, amplamente divulgada na literatura crítica filosófica, que associa o “inato” leibniziano ao “*a priori*” kantiano<sup>44</sup>.

---

<sup>38</sup> Adelino Cardoso, “Metafísica Leibniziana da Comunicação – O Paradigma Monadológico”, *Philosophica* 37 (2011), 7-23.

<sup>39</sup> Andréa Faggion, “Concorrência Divina: A Terceira Via Leibniziana entre o mero Conservacionismo e o Ocasionalismo”, *Philosophica* 37 (2011), 25-35.

<sup>40</sup> Maria Luísa Ribeiro Ferreira, Leibniz e o Hermetismo – A sua Ligação com Cudworth”, *Philosophica* 37 (2011), 37-57.

<sup>41</sup> Paulo Jesus, “Moi et Temps chez Leibniz: Ou l’Unité de la *Notio Completa* et de la *Vis Primitiva*”, *Philosophica* 37 (2011), 59-72.

<sup>42</sup> Sergio Roderó, “El Vínculo Sustancial y las Mónadas en Leibniz”, *Philosophica* 37 (2011), 73-83.

<sup>43</sup> Teresa Tato Lima, “O Eu Humano e a Apreensão da Harmonia na *Monadologia* de Leibniz”, *Philosophica* 37 (2011), 85-93.

<sup>44</sup> Ubirajara R. de Azevedo Marques, “Contra os Leibnizianos, a Favor de Leibniz? ‘Inato’ e ‘A Priori’ em Kant”, *Philosophica* 37 (2011), 95-107.



Os 300 anos do nascimento daquele que foi considerado o pai da Estética, Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), foram assinalados pela revista *Philosophica* com um número dedicado à sua filosofia, com especial e natural destaque para o seu pensamento estético. O volume abre com um artigo da autoria de Bengerd Juul Thorsen que analisa os ecos da poética horaciana nas *Meditationes* de Baumgarten, verificando a mediação dos comentários contemporâneos de Baumgarten à *Ars Poetica* de Horácio nessa recepção<sup>45</sup>. De Tomoe Nakamura, *Philosophica* publicou um estudo sobre o conceito de confusão como noção axial da estética<sup>46</sup>. J. Collin McQuillan, por seu turno, explora o lugar e a história do conceito de perfeição sensível dentro do pensamento estético e metafísico do filósofo alemão<sup>47</sup>. A natureza psíquica do homem, sobre a qual se fundam as regras da beleza e da arte, oferecem a Maximiliano Hernández Marcos o escopo do seu artigo intitulado “El sentido interno, tópica natural de la invención en A. G. Baumgarten”<sup>48</sup>. Já Dirk Michael Hennrich propõe-nos uma leitura da série de gravuras “Desastres de la guerra” de Francisco de Goya à luz de uma estética da sombra baumgartiana<sup>49</sup>. O artigo de Gualtiero Lorini investiga a posição da filosofia de Baumgarten no limiar entre a tradição leibniziano-wolffiana e a revolução transcendental kantiana<sup>50</sup>. O diálogo entre Baumgarten e Kant anima ainda o artigo de Courtney D. Fugate que, centrado no princípio da razão suficiente, adianta as respostas, que a filosofia baumgartiana permitiria, às objecções que Kant desferiu contra a justificação do dito princípio<sup>51</sup>. O estudo de Adrian Switzer não esquece também a relação entre estes dois autores, mostrando como a sistematização da metafísica kantiana se faz por crítica e adaptação da ontologia

<sup>45</sup> Bengerd Juul Thorsen, “Baumgarten’s *Meditationes* as a Commentary on Horace’s *Ars Poetica*”, *Philosophica* 44 (2014), 9-25.

<sup>46</sup> Tomoe Nakamura, “The Cognitive and Ethical Scope of “Confusion” in Baumgarten’s Aesthetics”, *Philosophica* 44 (2014), 27-46.

<sup>47</sup> J. Collin McQuillan, “Baumgarten on Sensible Perfection”, *Philosophica* 44 (2014), 47-64.

<sup>48</sup> Maximiliano Hernández Marcos, “El Sentido Interno, Tópica Natural de la Invención en A. G. Baumgarten”, *Philosophica* 44 (2014), 65-91.

<sup>49</sup> Dirk Michael Hennrich, “Alexander Gottlieb Baumgarten’s Ästhetik und die *Desastres de la Guerra* des Francisco de Goya. Ein Beitrag zu einer Ästhetik des Schattens”, *Philosophica* 44 (2014), 93-106.

<sup>50</sup> Gualtiero Lorini, “The Origins of the Transcendental Subjectivity: On Baumgarten’s Psychology”, *Philosophica* 44 (2014), 107-126.

<sup>51</sup> Courtney D. Fugate, “Alexander Baumgarten on the Principle of Sufficient Reason”, *Philosophica* 44 (2014), 127-147.

baumgartiana<sup>52</sup>. O número dedicado à filosofia de Baumgarten conta, por fim, com o texto latino dos “Prolegómenos” da *Estética* de Baumgarten e com a respectiva tradução portuguesa, da responsabilidade de Ana Rita Ferreira, onde o filósofo define a *Estética*, consagrando-a como disciplina filosófica autónoma.

Immanuel Kant (1724–1804), figura incontornável da história da filosofia, que marcou diversas gerações de docentes do mesmo Departamento que, em 1993, lançou a revista *Philosophica* enquanto expressão da sua identidade e actividade específica<sup>53</sup>, recebeu devida homenagem no número 24 publicado no ano de 2004, precisamente 300 anos após a sua morte. Como não poderia deixar de ser, os estudos aí contemplados diversificam-se em função da multitude de áreas filosóficas que o pensamento de Kant cobriu, comprovando o estímulo que a sua filosofia representa para aqueles que ainda hoje exercem a tarefa do filosofar. O artigo de Aylton Barbieri Durão encabeça a homenagem com um estudo sobre os fundamentos do estado de direito<sup>54</sup>. De Adelino Braz, chega-nos uma investigação acerca do valor do conceito de comunidade, tanto no domínio ético, como no domínio estético<sup>55</sup>. Vítor Moura, a braços com o pensamento estético kantiano desvela o carácter dinâmico da metáfora no esclarecimento das ideias estéticas<sup>56</sup>. Numa leitura abrangente dos diferentes períodos da filosofia crítica kantiana, Viriato Soromenho-Marques analisa o conceito de entusiasmo na sua complexidade e em articulação com a condição e a aspiração humanas<sup>57</sup>. Luísa Leal de Faria recupera a noção moderna de universidade, tal como foi concebida por Nietzsche, Heidegger, Jaspers e Habermas, para nela sublinhar as ressonâncias kantianas, nomeadamente no que diz respeito ao conceito de faculdade de filosofia que emerge do ensaio *O conflito*

---

<sup>52</sup> Adrian Switzer, “The Traditional Form of a Complete Science: Baumgarten’s *Metaphysica* in Kant’s ‘Architectonic of Pure Reason’”, *Philosophica* 44 (2014), 149-164.

<sup>53</sup> “[*Philosophica*] Aparece, porque, alguém tem algo a dizer: o Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa no exercício da sua específica actividade.” Joaquim Cerqueira-Gonçalves, “Apresentação”, *Philosophica* 1 (1993), 4.

<sup>54</sup> Aylton Barbieri Durão, “A Fundamentação Kantiana do Estado de Direito”, *Philosophica* 24 (2004), 5-20.

<sup>55</sup> Adelino Braz, “Kant et la Communauté: Une Philosophie aux Antipodes du Monologisme”, *Philosophica* 24 (2004), 21-41.

<sup>56</sup> Vítor Moura, “Velocidade e Acordo: O Carácter Metafórico das Ideias Estéticas”, *Philosophica* 24 (2004), 43-64.

<sup>57</sup> Viriato Soromenho-Marques, “Sombras e Luzes no *Entusiasmo* em Kant”, *Philosophica* 24 (2004), 65-78.

das *faculdades* de Immanuel Kant<sup>58</sup>. Maria Luísa Ribeiro Ferreira recupera um dos filósofos contemporâneos de Kant, David Hume, desafiando a sua leitura e crítica do conceito espinosano de substância<sup>59</sup>. O número consagrado a Kant inclui, por fim, um ensaio de Leonel Ribeiro dos Santos que faz uma caracterização do estado da arte no que diz respeito aos estudos kantianos<sup>60</sup> e um repertório da bibliografia kantiana publicada em Portugal e no Brasil, entre 1914 e 2004, reunido por Renato Epifânio.

Com o número 41 especialmente dedicado ao autor de *Der Einzige und sein Eigentum*, Max Stirner (1806–1856), a *Philosophica* tornou-se responsável pelo primeiro volume monográfico português sobre o filósofo. A compilação de oito artigos dá corpo a um número que tratou de reavivar, em novas interpretações e cruzamentos, o pensamento daquele que foi justa ou injustamente classificado como o fundador do Anarquismo. Neste contexto, José Barata-Moura inaugura o volume com um trajecto filosófico que parte da consideração de uma metafísica da nadificação para desaguar numa ética do Único<sup>61</sup>. Maurice Schuhmann é o autor de um artigo que procura apurar o conceito de propriedade no pensamento de Stirner a partir da sua crítica às ideias do socialista francês P.J.-Proudhon<sup>62</sup>. O trabalho, pouco conhecido, de Max Stirner no âmbito da teoria económica, é objecto de estudo do texto de Gerhard Senft. A este propósito o autor rememora o espírito crítico do grupo dos *Berliner Freien* de que Stirner fez parte<sup>63</sup>. José Manuel Silva aborda o tema da liberdade de imprensa à luz das considerações de Stirner, que a resgata do domínio do Estado (que dela faria exigência), para a enraizar numa propriedade do indivíduo<sup>64</sup>. Sobre o significado da noção de indivíduo versa justamente o artigo de Adriana Veríssimo Serrão que põe em destaque a querela entre Stirner e Feuerbach

<sup>58</sup> Luísa Leal de Faria, “A Faculdade de Filosofia de Kant e a Ideia Alemã de Universidade”, *Philosophica* 24 (2004), 79-91.

<sup>59</sup> Maria Luísa Ribeiro Ferreira, “A Crítica de Hume a Espinosa a Propósito da Noção de Substância”, *Philosophica* 24 (2004), 93-118.

<sup>60</sup> Leonel Ribeiro dos Santos, “Regresso a Kant. Evolução e a Situação Actual dos Estudos Kantianos”, *Philosophica* 24 (2004), 119-182.

<sup>61</sup> José Barata-Moura, “Stirner: Da Nadificação ao Momento Ético da Intimidade Proprietária”, *Philosophica* 41 (2013), 7-56.

<sup>62</sup> Maurice Schuhmann, “Max Stirner’s Critiques of Pierre-Joseph Proudhon”, *Philosophica* 41 (2013), 57-69.

<sup>63</sup> Gerhard Senft, “Max Stirner e a Crítica da Economia Política”, *Philosophica* 41 (2013), 71-84.

<sup>64</sup> José Manuel Teixeira da Silva, “Liberdade de Imprensa, Censura e Dominação na Crítica de Max Stirner”, *Philosophica* 41 (2013), 85-95.

como autores respectivos de uma concepção de indivíduo-Único e uma concepção de indivíduo em relação<sup>65</sup>. Bernd Kast, num estudo também ele comparativo, vinca as afinidades (sem omitir diferenças) entre Stirner e Simmel, confirmando neste a influência daquele sobretudo no que diz respeito à ideia de “lei individual”<sup>66</sup>. Frank Hassel revisita o posicionamento de Max Stirner relativamente à religião e o seu legado na filosofia posterior, nomeadamente no anúncio nietzscheano da morte de Deus<sup>67</sup>. Ainda sobre o legado da filosofia de Stirner e, mais especificamente, sobre o modo como a crítica de Stirner à explicação metodológica do que não é metodologicamente explicável foi reapropriada 150 anos mais tarde por Feyerabend, podemos ler o artigo de Beate Kramer que encerra o volume<sup>68</sup>.

No mesmo ano em que o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa dava início ao seu projecto de investigação sobre Søren Kierkegaard (1813-1855), com o objectivo primordial de traduzir para português um conjunto de obras fundamentais do filósofo a partir do texto original dinamarquês, a *Philosophica* dedicou-lhe um volume completo. Nesse volume, análises pormenorizadas dos conteúdos específicos do pensamento kierkegaardiano complementam-se com perspectivas de diferentes diálogos filosóficos com outros autores. O texto de Elisabete M. de Sousa traça, desde logo, uma história da recepção de Kierkegaard em Portugal, relevando o trabalho de tradução e a bibliografia crítica sobre o autor, desde 1911<sup>69</sup>. No intuito de examinar o conceito kierkegaardiano de mundaneidade, Márcio Gimenes de Paula elabora um estudo comparativo que convoca o pensamento agostiniano do Livro XV da *Cidade de Deus*<sup>70</sup>. Deyve Redyson ocupa-se do problema da subjectividade, tal como Kierkegaard o deu a pensar, em articulação com as suas formulações no Idealismo Alemão, com especial enfoque nas filosofias de Fichte, Schelling e Hegel<sup>71</sup>. Sob a égide de

<sup>65</sup> Adriana Veríssimo Serrão, “A Pergunta de Feuerbach a Stirner: ‘Que significa ser um indivíduo?’”, *Philosophica* 41 (2013), 97-108.

<sup>66</sup> Bernd Kast, “Die Gesetzlosigkeit und Eigengesetzlichkeit Stirners und Simmels individuelles Gesetz. Stirners Einfluss auf Simmel und dessen Stirner-rezeption”, *Philosophica* 41 (2013), 109-141.

<sup>67</sup> Frank Hassel, “‘Wie hast du’s mit der Religion’ Religionstheorie und -Kritik nach Stirner”, *Philosophica* 41 (2013), 143-164.

<sup>68</sup> Beate Kramer, “Stirner – On the Brink of Scientific Thought”, *Philosophica* 41 (2013), 165-190.

<sup>69</sup> Elisabete M. de Sousa, “Aspectos Fundamentais da Recepção Kierkegaardiana em Portugal” *Philosophica* 35 (2010), 9-31.

<sup>70</sup> Márcio Gimenes de Paula, “Mundaneidade e Secularização: Um Diálogo entre Kierkegaard e Agostinho”, *Philosophica* 35 (2010), 33-44.

<sup>71</sup> Deyve Redyson dos Santos, “Kierkegaard e o Idealismo Alemão. O Problema da Subjectividade”, *Philosophica* 35 (2010), 45-59.

uma crítica à abstracção irreal e à universalidade vazia, María José Binetti procura identificar uma linhagem contínua de pensamento que se desdobra desde os primeiros Românticos até à Contemporaneidade, com uma necessária passagem pelas filosofias de Hegel e Kierkegaard<sup>72</sup>. Reconhecendo no filósofo francês, Albert Camus, um leitor de Kierkegaard, José Luis Pérez procura, no seu artigo, explorar as divergências que separam os dois autores no que diz respeito ao modo como o absurdo afecta a condição humana<sup>73</sup>.

Em 2013, a *Philosophica* acolheu um conjunto de artigos sobre a obra do filósofo e fundador da sociologia formal, Georg Simmel (1858-1918). À comemoração deste filósofo associou-se ainda uma sentida homenagem a dois investigadores simmelianos já desaparecidos: Maria João Costa Pereira (aí lembrada por Francisco Vale)<sup>74</sup> e João Paulo da Cruz Mendes (recordado nas palavras de Carlos João Correia)<sup>75</sup>. Numa releitura dos textos simmelianos “Os Alpes” e “Filosofia da Natureza”, Teresa Dugos intima os conceitos de *Stimmung* e paisagem para reflectir acerca da experiência da unidade entre o homem e a natureza<sup>76</sup>. O tema da unidade perpassa também o artigo de Teresa Sousa Mendes que ausculta um mesmo princípio de união dos contrários na diversidade dos temas de que a metafísica simmeliana se ocupou<sup>77</sup>. Adriana Veríssimo Serrão ensaia uma antropologia de matriz simmeliana através da sua estética do rosto e da sua ética da lei individual<sup>78</sup>. Uma exegese da obra *Os Pobres* dá corpo ao artigo de Rafael Marques, através da qual o autor vai desvelando o carácter e o papel social da categoria “o pobre”<sup>79</sup>. Francisco Felizol Marques procura, por sua vez, pensar o dinheiro de *Filosofia do Dinheiro*, não como o seu objecto, mas como o seu método, na sua função de articulação do

<sup>72</sup> María José Binetti, “Kierkegaard: Entre los Primeros Románticos y Hegel”, *Philosophica* 35 (2010), 61-77.

<sup>73</sup> José Luis Pérez, “Albert Camus, Leitor de Søren Kierkegaard”, *Philosophica* 35 (2010), 79-104.

<sup>74</sup> Francisco Vale, “Maria João Costa Pereira”, *Philosophica* 42 (2013), 7-8.

<sup>75</sup> Carlos João Correia, “João Paulo da Cruz Mendes”, *Philosophica* 42 (2013), 9-14.

<sup>76</sup> Teresa Dugos, “A Experiência Estético-Metafísica de ‘Os Alpes’. Sobre a Génese da *Stimmung* em Georg Simmel”, *Philosophica* 42 (2013), 23-36.

<sup>77</sup> Teresa Sousa Mendes, “Figuras Transgressivas da União dos Contrários na Obra de Georg Simmel”, *Philosophica* 42 (2013), 37-44.

<sup>78</sup> Adriana Veríssimo Serrão, “Condição Humana e Individualidade em Georg Simmel”, *Philosophica* 42 (2013), 45-55.

<sup>79</sup> Rafael Marques, “Por uma Leitura Corsária de os ‘Pobres’ de Georg Simmel”, *Philosophica* 42 (2013), 57-75.

diverso num todo<sup>80</sup>. A individualidade e a interioridade são os temas em debate no artigo de José Artur Ramos, trabalhados a partir de uma teoria simmeliana do auto-retrato, incitada pela pintura de Rembrandt<sup>81</sup>. Carlos Fortuna apresenta-nos uma reflexão sobre a cidade contemporânea, à luz das alegorias simmelianas da grande cidade e da ruína, confirmando assim a vitalidade do seu pensamento nos nossos dias<sup>82</sup>. O feminino na filosofia de Simmel constitui o mote de um diálogo, ao qual José Luis Garcia dedica o seu artigo, entre o filósofo e a escritora e poetisa Natália Correia que, em 1969, publicara uma introdução à primeira tradução portuguesa de textos simmelianos: *Cultura Feminina*<sup>83</sup>. Com os dois testemunhos do trabalho filosófico de investigadores simmelianos e com os oito artigos publicados acerca do pensamento de Georg Simmel, a *Philosophica* reforçou e deu novo estímulo à produção científica nacional sobre o autor que, de acordo com o repertório bibliográfico sobre Simmel, elaborado por Francisco Felizol e Teresa Dugos, e que encerra o número 42 da revista, contava à data apenas com 19 estudos em Portugal.

Ao revisitarmos os números que *Philosophica* dedicou a grandes filósofos, apercebemo-nos do modo como a história da *Philosophica*, que hoje completa o seu quinquagésimo número, se tem vindo a alimentar da própria história da filosofia. Aliás, surpreendemos no seu labor de 25 anos um duplo olhar: sobre o passado, colhendo dele os problemas e as metodologias de trabalho, bem como argumentos e teses que convidam a pensar, e sobre o presente, sempre atento à investigação que vai sendo desenvolvida, não apenas em Portugal, como modestamente intencionava o fundador da revista<sup>84</sup>, mas também no estrangeiro. Com efeito, a *Philosophica* tem vindo a publicar diversos artigos de investigadores internacionais, mas, sobretudo, *Philosophica* tem pautado as suas edições, desde o início, por critérios de rigor, liberdade e pertinência verdadeiramente transnacionais.

---

<sup>80</sup> Francisco Felizol Marques, “O Método do Dinheiro na Economia da *Filosofia do Dinheiro*”, *Philosophica* 42 (2013), 77-91.

<sup>81</sup> José Artur Ramos, “O Auto-Retrato como Consciência da nossa Vida”, *Philosophica* 42 (2013), 93- 105.

<sup>82</sup> Carlos Fortuna, “Georg Simmel: As Cidades, a Ruína e as Novíssimas Metrópoles”, *Philosophica* 42 (2013), 107-123.

<sup>83</sup> José Luis Garcia, “Afinidades Electivas entre Georg Simmel e Natália Correia para o Estudo da Recepção de Simmel em Portugal”, *Philosophica* 42 (2013), 125-139.

<sup>84</sup> “Estará particularmente atenta à actividade filosófica praticada no nosso País, assumindo as suas responsabilidades, directas e indirectas, no mundo do ensino.” Joaquim Cerqueira-Gonçalves, “Apresentação”, *Philosophica* 1 (1993), 4.